

DA OBSERVAÇÃO AO FAZER PEDAGÓGICO: DESAFIOS E VIVÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO DO PARFOR/UESPI EM ITAINÓPOLIS, PIAUÍ, BRASIL

Maria José Leal da Rocha¹; Antonio Eusébio de Sousa² Valdirene Pinheiro Dias Avendaño Reategui³

¹Graduanda em Pedagogia pelo PARFOR/UESPI – Campus Professor Barros Araújo. Polo de Itainópolis, Piauí, Brasil. mariajoselealdarocha2310@gmail.com

² Doutor em Geografia pela UNESP de Presidente Prudente, Doutor em Geografia pela UNESP de Presidente Prudente, Professor da educação básica, coordenador local da turma de pedagogia PARFOR/UESPI, Piauí, Brasil. sousaeusebio1@gmail.com

³ Graduada em Filosofia e Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí. Especialista em Orientação Educacional pela Universidade Cândido Mendes. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade de Ensino Superior do Piauí (FAESPI). Especialista em Desenvolvimento Humano e Políticas Educacionais pela Faculdade de Ensino Superior do Piauí (FAESPI). Mestre em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Professora Formadora no Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica. (PARFOR) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Teresina, Piauí, Brasil. diasvaldirene2014@gmail.com

1. Introdução

A inserção do acadêmico de Pedagogia no universo escolar por meio do estágio supervisionado representa um rito de passagem essencial, onde as abstrações teóricas ganham contornos reais através do contato com a infância. No cenário das escolas do campo, esse processo adquire camadas extras de complexidade, exigindo do futuro professor uma postura que ultrapassa a mera instrução pedagógica, alcançando o compromisso social e a adaptação criativa.

Este relato de experiência se debruça sobre as atividades realizadas na Unidade Escolar Sebastião Gonçalves Guimarães, localizada no povoado Várzea Grande, em Itainópolis, Piauí, Brasil. O foco desta análise é compreender como o exercício da docência em uma turma de creche pode ser potencializado pelo uso de materiais táteis e estratégias de acolhimento. A investigação aqui apresentada fundamenta-se na ideia de que a escola é um organismo vivo, onde o ensinar e o aprender são vias de mão dupla.

A fundamentação teórica que sustenta este relato organiza-se a partir da compreensão da docência como um campo de saber científico e sensível. O estágio supervisionado, sob a ótica de Pimenta e Lima (2004), é definido não como uma atividade meramente prática, mas como um campo de pesquisa. Para as autoras, essa etapa permite ao acadêmico investigar a complexidade escolar, unindo a teoria universitária ao cotidiano das instituições. Esse processo consolida o fazer pedagógico, que, conforme Freire (1996) em sua obra Pedagogia da Autonomia, deve ser pautado pela ética, pelo respeito aos saberes do educando e pela beleza de ensinar. Para Freire, o ato educativo exige do professor uma postura reflexiva, onde "quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender", transformando a sala de aula em um espaço de diálogo constante.

No que tange à educação infantil, o suporte normativo é dado pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2022). O documento estabelece que a criança é um sujeito histórico e de direitos, devendo ter garantidas experiências que envolvam o brincar e o explorar como eixos estruturantes. A articulação entre o cuidar e o educar é essencial para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, conceito ampliado por Vygotsky (1998) ao discutir a inclusão escolar. O autor postula que o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica, onde a mediação do professor na "Zona de Desenvolvimento Proximal" permite que alunos com necessidades específicas, como no caso do Transtorno do Espectro Autista (TEA) observado neste estágio, participem plenamente da construção do conhecimento através da interação com seus pares.

Ademais, a avaliação nesse estágio de desenvolvimento não pode ser vista como ferramenta de classificação. Conforme Hoffmann (2012), a avaliação na pré-escola deve ser uma ação mediadora, um olhar atento e curioso do professor sobre as múltiplas linguagens da criança. Esse olhar sensível permite que o educador ajuste sua prática às necessidades individuais, promovendo uma educação equitativa.

Por fim, a viabilização dessa formação qualificada é amparada pelo PARFOR/UESPI, que atua como uma política pública de valorização docente. Como discute Gatti (2010), programas de formação em serviço são fundamentais para ressignificar a identidade do professor, permitindo que o profissional do interior do Piauí se aproprie de ferramentas científicas para transformar a realidade da educação pública rural, unindo o compromisso social ao rigor acadêmico.

O objetivo deste trabalho é analisar a relevância do estágio supervisionado como um campo de pesquisa-ação e consolidação da identidade docente, investigando de que forma as práticas lúdico-sensoriais e as estratégias inclusivas contribuem para o desenvolvimento integral de crianças em uma creche rural no município de Itainópolis, Piauí, Brasil.

2. Metodologia

Este estudo configura-se como um relato de experiência descritivo, construído sob uma abordagem qualitativa que busca interpretar as dinâmicas educacionais vivenciadas durante o estágio supervisionado em 2025. O percurso metodológico foi estruturado em fases distintas para garantir a profundidade da análise. Inicialmente, procedeu-se a uma pesquisa bibliográfica focada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e em teóricos da educação infantil. Em seguida, ocorreu o período de observação participante na turma de creche, composta por dezesseis alunos.

Durante essa etapa, o registro minucioso em diário de campo serviu para captar não apenas as vivências nas aulas, mas a atmosfera emocional e as interações entre os pequenos. A fase de intervenção (regência) foi o cerne da metodologia, onde foram implementados projetos de estimulação sensorial. Foram desenvolvidos recursos pedagógicos autorais, como o "sol de macarrão" para o desenvolvimento da motricidade fina e a "TV da historinha" para o fomento da oralidade.

A fundamentação para esta abordagem qualitativa encontra respaldo em Minayo (2001), que define este tipo de pesquisa como capaz de compreender o universo de significados e atitudes

humanas, e em Gil (2008), que destaca o caráter exploratório como meio de aproximar o pesquisador da realidade estudada. Somando-se a esta base, a perspectiva contemporânea de Creswell (2014) reforça a importância da interpretação dos dados no contexto natural onde os fenômenos ocorrem. O método de análise descritivo-reflexivo permitiu correlacionar a teoria acadêmica, norteadas pela BNCC, com práticas como o "Brincar Heurístico", contação de histórias e atividades de coordenação motora (colagens e pinturas).

3. Resultados e Discussão

A análise dos dados coletados durante as fases do estágio revela que a transição da observação para a regência constituiu o auge da prática reflexiva. No período de observação (12 a 29/08/2025), foi possível identificar, sob a ótica de Pimenta e Lima (2004), que a realidade escolar é um campo de pesquisa pulsante. O diagnóstico da turma de creche evidenciou a necessidade de um fazer pedagógico que integrasse o cuidar e o educar, conforme preconiza a BNCC (2022).

Ao assumir a regência (29/09 a 07/11/2025), a implementação de sequências lúdicas demonstrou que a criança constrói conhecimento através da mediação simbólica. O uso da "TV da historinha", por exemplo, não foi apenas um recurso de entretenimento, mas um instrumento de linguagem que materializa a "curiosidade epistemológica" defendida por Freire (1996), incentivando o protagonismo infantil no processo de escuta e fala.

O impacto das estratégias sensoriais foi particularmente evidente na atividade com o "espelho da autoidentidade". Ao confrontarem sua própria imagem, os alunos vivenciaram o campo de experiência "o eu, o outro e o nós", fortalecendo a percepção de si. À luz de Hoffmann (2012), essa experiência permitiu uma avaliação mediadora, onde o registro do interesse e das reações de cada criança serviu para ajustar o planejamento às suas subjetividades, superando o modelo de ensino meramente instrutivo. Da mesma forma, o recurso "sol de macarrão" (passa fita) evidenciou-se como uma ferramenta de motricidade que respeita o tempo da criança, unindo a ludicidade ao desenvolvimento físico e cognitivo em um ambiente de acolhimento.

No que tange à inclusão escolar, a discussão aprofunda-se na interação com o aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A utilização do alfabeto pontilhado e de atividades de pintura adaptadas funcionou como a "Zona de Desenvolvimento Proximal" proposta por Vygotsky (1998); a intervenção da estagiária atuou como o suporte necessário para que o aluno pudesse interagir com os símbolos gráficos de forma acessível. A participação ativa desse aluno nas dinâmicas coletivas confirmou que a mediação pedagógica é capaz de transpor barreiras comunicativas.

Por fim, a reflexão crítica revelou que a formação proporcionada pelo PARFOR, como política de valorização docente discutida por Gatti (2010), foi o diferencial para que a acadêmica conseguisse diagnosticar as carências físicas da sala (falta de forro e revestimentos) e, ainda assim, criar um ambiente de aprendizagem rico e humanizado, transformando as limitações do contexto rural em oportunidades de inovação pedagógica.

4. Conclusão

O estágio supervisionado consolida-se como um divisor de águas na trajetória acadêmica, pois transforma a percepção teórica em compromisso ético e social. A experiência vivida na

Unidade Escolar Sebastião Gonçalves Guimarães evidencia que a docência na educação infantil demanda uma simbiose entre o rigor do planejamento e a sensibilidade do acolhimento. Ao retornar à instituição onde iniciou sua própria vida escolar, a acadêmica reafirma sua identidade profissional, compreendendo que o fazer pedagógico é um ato de pertencimento e responsabilidade com a comunidade local.

Os resultados demonstram que a utilização de estratégias lúdicas e sensoriais — como o uso do espelho e da TV da historinha — aliada a uma mediação pautada na inclusão, garante o direito de aprendizagem mesmo em contextos de vulnerabilidade física. Conclui-se que o professor atua como um agente de transformação quando utiliza a pesquisa-ação para transpor barreiras estruturais, como a precariedade das instalações da sala de aula. Assim, o estágio ratifica a importância de políticas como o PARFOR na qualificação do ensino público, assegurando que a escola rural se torne um centro de excelência humana e pedagógica. Por fim, fica a lição de que o educar na primeira infância é um processo de escuta constante, onde cada recurso didático serve de ponte para o desenvolvimento integral e autônomo da criança.

5. Palavras-chave: Estágio Supervisionado, Ludicidade, Educação Infantil, Prática Inclusiva, Formação Docente.

6. Referências Bibliográficas

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2022.
- CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GATTI, Bernadete Angelina. **Formação de professores no Brasil: características e problemas**. Educação & Sociedade, Campinas, 2010.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação na Pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.